

## DESCOLONIZANDO A MEMÓRIA: RESISTÊNCIA E RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NAS ESCRITAS AFRICANAS

Antonia Edivânia Lima da Silva Canja<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho propõe uma análise das narrativas literárias produzidas por autoras africanas que abordam as múltiplas dimensões da memória e da recordação. Partindo da ideia de que a memória é um espaço tanto pessoal quanto coletivo, o estudo investiga como as vozes femininas no continente africano reconstróem histórias, identidades e vivências através da escrita. Ao explorar temas como a colonialidade, o patriarcado, a resistência e as heranças culturais, o estudo se concentra em compreender como essas autoras utilizam a literatura como um espaço de resistência e reapropriação de narrativas históricas e afetivas. Através de uma abordagem interdisciplinar, que envolve a literatura, os estudos pós-coloniais e de gênero, este trabalho visa destacar as contribuições dessas escritoras para a construção de uma memória coletiva africana, ao mesmo tempo em que revela as particularidades de suas experiências como mulheres em contextos históricos específicos. Assim, “Espaços da Recordação” busca iluminar como as escritas femininas desafiam narrativas hegemônicas, criando significados para o passado, presente e o futuro imaginário africano.

**Palavras-chaves:** memória pós-colonial, resistência feminina africana, identidade feminina descolonizada.

### *DESCOLONIZING MEMORY: RESISTANCE AND RECONSTRUCTION OF FEMALE IDENTITY IN AFRICAN WRITINGS.*

**Abstract:** This work proposes analysis of the literary narrative produced by African authors that address the múltiple dimensions of Memory and recollection. Starting from the idea that Memory is both a personal and collective space, the study investigates how female voices on the African continent reconstruct stories, identities and experiences thorough writing. By exploring themes such as coloniality, patriarchy, resistance and cultural heritage, the study focuses on understanding how these authors use literature as a space of resistance and reppropriation of historical and effective narratives. Through no interdisciplinar approach, which involves literature, post-colonial and gender studies, this work aims to highlight the contributions of these writers to the construction of na African collective Memory, while revealing the particularities of their experiences as women in specific historical contexts. Thus, “Spaces of Memory” seeks to illuminate how female writing challenges hegemonic narratives, creating meanings for the African imaginary past, presente and future.

**Keywords:** post-colonial Memory, African female resistance, decolonized female identity.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira - UNILAB. Especialista em Docência no Ensino Fundamental pela UNICAP

## Introdução

A literatura africana contemporânea, em especial a produção feminina, tem sido palco de uma profunda e complexa insurgência. Através da palavra, mulheres africanas desafiam narrativas dominantes, descontroem estereótipos e ressignificam suas identidades, forjando um espaço próprio na história e na cultura. Este artigo se propõe a analisar como as escritoras africanas, através da memória e da experiência individual, tecem narrativas de resistências e redefinem a identidade feminina em um contexto marcado por colonialismo, patriarcado e opressão.

A escrita feminina africana é um vasto campo e dinâmico, caracterizado pela diversidade de vozes, estilos e experiências das mulheres no continente africano. Este tipo de literatura vai além da mera escrita por mulheres; trata-se de narrativas que capturam as complexidades da vida destas, suas lutas, resistências e as formas únicas como elas constroem suas identidades.

Suas características partem da resistência e subversão, pois muitas obras exploram como as mulheres desafiam normas sociais e culturais opressivas, utilizando a escrita como forma de resistência. Trazem à tona suas experiências cotidianas, como a literatura africana frequentemente foca nas vidas diárias das mulheres, ilustrando suas batalhas pessoais e coletivas.

Essa literatura aborda a interseção de diferentes formas de opressão, como gênero, raça e classe, refletindo a complexidade das identidades das mulheres africanas. Assim como, a preservação da memória coletiva e a utilização de tradições orais são aspectos cruciais, conectando passado e presente. Oferece uma visão singular das experiências femininas, permitindo uma compreensão mais profunda das realidades das mulheres africanas.

A literatura feminina africana desempenha um papel vital na reconfiguração das narrativas dominantes, proporcionando visibilidade às histórias e vozes das mulheres que muitas vezes são marginalizadas. Ela enriquece a literatura mundial, oferecendo perspectivas e experiências únicas que desafiam estereótipos e ampliam a compreensão da condição humana.

As escritoras africanas, em sua maioria, nasceram em contextos de pós-independência, herdeiras de um passado marcado por conflitos, guerras e colonialismo. A memória, nesse contexto, torna-se um instrumento fundamental para a construção de identidades e a luta contra a dominação. Através da rememoração, as escritoras resgatam as histórias esquecidas, as vozes silenciadas e as experiências de opressão, desafiando a visão eurocêntrica da história e da cultura africanas.

A memória coletiva se torna um espaço de reconstrução da história a partir de uma perspectiva feminina. Elas desafiam as narrativas dominantes que reduzem a história africana à experiência da colonização e da escravidão, revelando a riqueza e a complexidade da cultura e da história do continente.

A linguagem e a forma de representação nas narrativas africanas refletem o impacto da colonização e da escravidão. As escritoras frequentemente utilizam a linguagem oral, os contos e as lendas tradicionais para transmitir a memória coletiva e criar um diálogo entre o passado e o presente. A linguagem se torna um instrumento de resistência da história e de reconstrução da identidade.

A representação da experiência da colonização e da escravidão nas narrativas é marcada por uma busca pela verdade, pela justiça e pela reparação. Logo as escritoras não se limitam a retratar o sofrimento, mas também exploram a capacidade de resiliência, de esperança e de reconstrução.

A experiência da colonização e da escravidão teve um impacto profundo e duradouro na memória individual e coletiva nas narrativas. Expondo através delas os traumas, a resistência, a perda e a reconstrução, desafiando as narrativas dominantes e construindo uma nova visão da história e da cultura africana. Por meio de suas obras, elas tecem um tecido de resistência, esperança e empoderamento, revelando a força da memória como ferramenta de transformação social e cultural.

As escritoras africanas enfrentam diversos desafios ao abordar temas como a colonização e a escravidão em suas obras, tendo que lidar com o peso da história, a necessidade de dar voz aos silenciados e a busca por uma narrativa autêntica e libertadora.

A história da colonização e da escravidão foi frequentemente contada do ponto de vista do colonizador, ocultando ou distorcendo a experiência africana. As escritoras africanas se deparam com a necessidade de desconstruir essas narrativas dominantes e apresentar uma visão mais completa e justa da história, resgatando a voz e a perspectiva dos colonizados. A literatura ocidental, por muito tempo, dominou o cenário literário mundial, marginalizando as vozes africanas. Elas por sua vez, precisam lutar contra o eurocentrismo, buscando espaço para suas narrativas e desafiando a visão única e hegemônica da história e da cultura.

As escritoras africanas precisam encontrar formas de abordar o trauma da colonização e da escravidão sem reificar a experiência da vítima. É preciso encontrar um equilíbrio entre o desejo de retratar a dor e a violência sem romantizá-la ou banalizá-la, e a busca por uma narrativa que inspire esperança, resistência e reconstrução. Dar voz aos que foram silenciados pela história, aos que sofreram as consequências da colonização e da escravidão. Sendo necessário encontrar formas de representar a experiência individual e coletiva de forma autêntica e respeitosa, sem cair em estereótipos ou generalizações.

A colonização e a escravatura causaram um grande impacto na cultura africana, levando à perda de tradições e à imposição de valores e costumes estrangeiros. As escritoras, por meio da escrita resgatam e reavaliam a cultura africana, buscando reconstruir a identidade e a história do continente a partir de uma perspectiva autêntica e livre de influências coloniais. Elas criam novas narrativas que expressem a realidade africana contemporânea, sem negar seu passado, mas também sem se prender a ele. É

essencial encontrar um caminho para a reconstrução da identidade e da cultura que traga uma visão de futuro que seja livre das marcas da colonização.

As escritoras africanas enfrentam o racismo e a discriminação em diversos níveis da sociedade, incluindo o mundo literário. Lutar contra o racismo institucional, buscar reconhecimento e visibilidade para suas obras e suas histórias. Elas têm um papel fundamental na promoção da diversidade e da inclusão na literatura, onde se faz necessário lutar por um espaço mais plural e representativo, das vozes africanas sendo-as ouvidas e valorizadas. Destaca-se a importância de suas narrativas para a compreensão da história e de sua cultura, para a construção de um futuro mais justo e igualitário.

Neste trabalho, propomos uma análise aprofundada das formas como as autoras africanas reconstróem memórias e elaboram espaços de resistência por meio de suas narrativas. Partindo do entendimento de que a memória não é apenas um repositório de eventos passados, mas um ato contínuo de construção indelével, este estudo busca examinar como a escrita feminina africana funciona como um campo de luta, onde vozes marginalizadas ressignificam suas vivências, muitas vezes rompendo com as imposições históricas e culturais.

Através da leitura de autoras como Chimamanda Ngozi Adichie, Paulina Chiziane, Nadine Gordimer e tantas outras, investigaremos como suas obras revelam as tensões entre o pessoal e o político, o individual e o coletivo, o passado e o presente. Esses *espaços da recordação* tornam-se, assim, arenas onde a escrita feminina não apenas preserva memórias, mas também novas formas de ver e compreender o mundo, oferecendo perspectivas inovadoras sobre o lugar da mulher africana na história e na contemporaneidade.

O trabalho se concentra na análise das narrativas produzidas por escritoras africanas, privilegiando a forma como essas autoras constroem, nas suas obras, espaços de memória e recordação. A partir da perspectiva da literatura feminina, o estudo busca investigar como a memória tanto individual quanto coletiva se torna um eixo central na reconstrução de identidades, de histórias pessoais e de traumas sociais, dentro de contextos históricos marcados pela colonização, guerras e transformações sociais.

Focar em autoras africanas contemporâneas de língua portuguesa e inglesa, como **Paulina Chiziane, Chimamanda Ngozi Adichie, Odete Smedo, NoViolet Bulawayo**, entre outras, que retratam as vivências femininas em seus escritos. Realizar uma seleção de romances, contos e poesias dessas autoras que tratem de temas como memória, ancestralidade, a busca por pertencimento e a reconstrução da identidade feminina em contextos pós-coloniais. A temática será sequenciada em pontos como; memória como forma de resistência cultural e pessoal. A escrita feminina como espaço de resgate de histórias silenciadas. A interseção entre o gênero e o pós-colonialismo. O papel da mulher na preservação e transmissão de memórias históricas e culturais.

Recorte temporal das obras produzidas principalmente no final do século XX e início do século XXI, explorando a relação entre as tradições culturais e as dinâmicas contemporâneas de África. Enfoque teórico será ancorado em teorias da literatura pós-colonial, estudos de gênero e memória cultural, com base em autores como Homi Bhabha, Stuart Hall, Paul Ricoeur e Bell Hooks.

A literatura africana por mulheres é um campo vital de resistência e redefinição de identidades. Historicamente, as mulheres africanas foram marginalizadas tanto nas narrativas coloniais quanto patriarcais, sendo suas vozes frequentemente silenciadas ou distorcidas. No entanto, através de suas escritas, essas mulheres têm desafiado essas opressões e reconfigurando suas identidades.

Assim, a literatura africana contemporânea tem se destacado pela presença de vozes femininas que reivindicam um lugar de fala nas narrativas sobre o passado colonial, a opressão patriarcal e os processos de identidade em sociedades pós-coloniais. Essas autoras, através de suas obras, criam um espaço de resistência e recuperação de memórias individuais e coletivas. Compreender como essas escritoras constroem espaços de recordação oferece novas leituras sobre a história e a subjetividade feminina na África, destacando a importância de suas contribuições para a reconstrução de identidades nacionais e pessoais.

Este estudo é essencial para aprofundar a compreensão das maneiras pelas quais as autoras africanas utilizam a literatura como uma ferramenta de resistência e memória. Ele permitirá uma análise abrangente das narrativas que emergem dessas experiências, oferecendo novas perspectivas sobre as dinâmicas de gênero, poder e identidade no continente africano. Além disso, a investigação de como essas narrativas são moldadas por contextos históricos e culturais específicos contribuirá significativamente para os estudos pós-coloniais e de gênero.

“*Recordação contestadora*”, visa preencher lacunas significativas na historiografia literária, garantindo que as vozes das mulheres africanas sejam reconhecidas e valorizadas. Ao explorar essas escritas, o trabalho promoverá uma maior inclusão e diversidade nas discussões literárias, ampliando o espectro de narrativas disponíveis e oferecendo representações mais autênticas e variadas das experiências femininas africanas.

Este estudo se justifica pela necessidade de expandir as análises sobre a literatura africana de autoria feminina, que muitas das vezes são negligenciadas nos estudos tradicionais de literatura. Além disso, oferece uma oportunidade de destacar como essas autoras se engajam na construção de novos significados para o passado e o presente, ressignificando as memórias femininas em suas culturas. Como as autoras africanas constroem, por meio da recordação e da escrita, espaços de memória que revisitam e ressignificam as experiências femininas nas suas respectivas sociedades? Quais estratégias narrativas são utilizadas para criar essas lembranças e como elas dialogam com as tradições históricas, culturais e coloniais?

Além de sua importância acadêmica, este trabalho tem um forte potencial para impactar a sociedade de forma positiva. Ao valorizar as narrativas das mulheres africanas, ele contribuirá para a construção de uma sociedade mais equitativa e justa, onde todas as vozes são ouvidas e respeitadas. Educacionalmente, servirá como um recurso valioso para estudantes e pesquisadores, promovendo uma maior compreensão e apreciação da literatura africana feminina.

Portanto, o trabalho não só enriquecerá o campo dos estudos literários, mas também desempenhará um papel crucial na promoção da diversidade, inclusão e justiça social. Ele reafirma a importância de reconhecer e valorizar as contribuições das mulheres africanas para a literatura e cultura global.

### **A Memória como instrumento de resistência**

A literatura africana feminina ocupa lugar vital no espaço da recordação, pois: as autoras garantem que as histórias de suas comunidades, muitas vezes sub-representação, sejam preservadas. Elas capturam memórias coletivas e pessoais, mantendo vivas tradições, lutas e conquistas. Ela oferece um espaço para vozes marginalizadas se expressarem, garantindo que memórias e experiências das mulheres africanas, muitas vezes silenciadas, sejam ouvidas e respeitadas. A recordação se torna um ato de resistência contra a opressão e o esquecimento. Escrever é resistir ao apagamento histórico e afirmar a presença e importância das mulheres africanas na sociedade. Através de suas obras, as escritoras recontam a história do ponto de vista das mulheres, oferecendo uma nova interpretação que desafia as narrativas hegemônicas e coloniais.

A literatura feminina africana funciona como um canal de transmissão de conhecimento entre gerações, passando sabedoria, valores e experiências que moldam a identidade cultural e social. Em suma, a literatura africana feminina é essencial para a preservação e valorização das memórias, identidades e histórias das mulheres no continente.

O presente trabalho pode ser construído a partir de uma reflexão interdisciplinar que une literatura, memória, pós-colonialismo, feminismo e estudos culturais. A partir da análise das obras de Chimamanda Ngozi Adichie, Paulina Chiziane e Nadie Gordimer, e do apoio teórico de autores como Paul Ricoeur, Stuart Hall, Homi Bhabha e Bell Hooks, é possível explorar as dinâmicas entre memória, identidade e gênero no contexto da literatura africana, com especial ênfase nas experiências e narrativas femininas.

A obra de Paul Ricoeur (2004) oferece uma base filosófica para compreender a relação entre memória, história e esquecimento. Em *Memory, History, Forgetting*, Ricoeur explora como os indivíduos e as sociedades reconstroem e preservam a memória, abordando as complexidades do recordar e do esquecer no processo de construção da identidade. No contexto da literatura africana feminina, a memória é um elemento essencial para a recuperação de histórias silenciadas, seja por razões de gênero ou coloniais. Ao recuperarem e recontarem ativamente histórias silenciadas, as escritoras

desafiam as narrativas dominantes que historicamente marginalizaram suas experiências. O ato de lembrar e escrever torna-se um poderoso ato de desafio contra as forças que buscaram apagar suas histórias. Isso está diretamente ligado ao conceito de “contra narrativas”, elemento-chave do discurso pós-colonial. As histórias silenciadas, sejam por opressão de gênero ou colonial, são trazidas à luz, desafiando assim as estruturas de poder que perpetuaram o silenciamento. Logo, o ato de lembrar e escrever, no contexto da literatura africana feminina, é o ato direto de resistência contra narrativas coloniais e patriarcais. O ato de lembrar e compartilhar essas histórias serve para recuperar a agência e desafiar sistemas opressores. Escritoras como Chimamanda Ngozi Adichie e Paulina Chiziane resgatam e recriam essas memórias, muitas vezes em oposição a narrativas dominantes que tentam apagar ou marginalizar as vozes das mulheres.

Os estudos de Stuart Hall e Homi Bhabha são centrais para o entendimento das complexidades da identidade no contexto pós-colonial. Em *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade* (2006), Stuart Hall argumenta que a identidade é um processo contínuo de construção, em que a memória e a história desempenham um papel fundamental. Na literatura africana, as escritoras retratam identidades fragmentadas e híbridas, resultado das tensões coloniais e pós-coloniais, explorando como essas mulheres navegam entre diferentes mundos culturais. A obra de Homi Bhabha, *The Location of Culture* (1994), complementa essa visão ao introduzir o conceito de “terceiro espaço”, um lugar de negociação cultural onde novas identidades emergem, desafiando as dicotomias de colonizador e colonizado. As escritoras africanas frequentemente criam narrativas a partir desse terceiro espaço, revelando a complexidade das experiências femininas em sociedades marcadas pela colonização.

A visão de Hall sobre a identidade como fluida e em constante evolução apoia diretamente a ideia da memória como resistência. As identidades fragmentadas e híbridas retratadas pelas escritoras africanas são resultado direto da navegação pelas tensões coloniais e pós-coloniais. O ato de lembrar e reconstruir essas identidades é um processo ativo de autoformação em oposição às narrativas é uma forma de resistência, uma ressignificação da história.

O conceito de “Terceiro Espaço” de Bhabha como lugar de negociação cultural onde novas identidades emergem reforça ainda mais o argumento. Nesse “Terceiro Espaço” é precisamente onde as escritoras africanas criam suas narrativas, desafiando as dicotomias de colonizador e colonizado. Ao construir narrativas a partir desse espaço, elas resistem ativamente às limitações e definições impostas pelo poder colonial. A memória do passado é ativamente usada para criar algo novo, algo que transcende as limitações impostas.

As escritoras africanas recuperam memórias, muitas vezes em oposição a narrativas dominantes que tentam apagar ou marginalizar as vozes das mulheres. Essa recuperação da memória é um ato central de resistência, um contra narrativa que desafia as estruturas de poder que buscaram silenciá-las.

Stuart Hall, renomado teórico cultural, argumenta que a identidade cultural é algo fixo ou estático. Em vez disso, é um processo contínuo, sempre em evolução e profundamente influenciado por contextos históricos, sociais e políticos. A identidade cultural, segundo Hall, é intrinsecamente híbrida, uma mistura dinâmica de diversas influências e experiências.

No contexto pós-colonial, as identidades culturais são ainda mais complexas, pois carregam os resquícios do colonialismo e as interações entre culturas colonizadoras e colonizadas. Essa hibridez é um ponto central na obra de Hall, que vê a identidade como algo formado na interseção de diferentes narrativas e tradições.

Para Hall, a identidade pós-colonial é marcada pela memória e pela diáspora, onde a ideia de pertencimento é constantemente negociada. É uma identidade que desafia as categorias rígidas, refletindo a fluidez e a multiplicidade das experiências vividas. Assim, as narrativas pós-coloniais não apenas recontam histórias do passado, mas também reconstróem e reimaginam o presente e o futuro.

Esse entendimento de identidade como algo contínuo e híbrido abre espaço para uma visão mais inclusiva e diversa da cultura, reconhecendo a contribuição de múltiplas vozes e perspectivas. Ao desafiar as noções tradicionais de identidade, Hall nos convida a reconsiderar como entendemos a nós mesmos e aos outros em um mundo globalizado.

### **Bell Hooks e a Abordagem Interseccional**

A contribuição teórica de Bell Hooks (2019) em *Teoria Feminista: Da margem ao centro* é importante para entender as perspectivas femininas na literatura africana. Hooks critica o feminismo ocidental por ignorar as vozes e as experiências das mulheres não brancas, defendendo uma teoria feminista que considere as múltiplas opressões de raça, classe e gênero. Ao analisarmos as obras de Adichie, Chiziane e Gordimer, podemos observar como essas autoras dão voz às mulheres africanas, muitas vezes marginalizadas não apenas por seu gênero, mas também por questões raciais e sociais. Em *Americanah* (2013), Adichie explora a interseção entre raça, gênero e migração, enquanto em *Niketche* (2004), Chiziane aborda a poligamia e o papel das mulheres em sociedades patriarcais africanas. Já em *Burger's Daughter* (1979), Gordimer oferece uma perspectiva única sobre a luta contra o apartheid, centrando-se em uma protagonista feminina que desafia as normas sociais e políticas da época.

A crítica de Hooks ao feminismo ocidental por ignorar as vozes e experiências das mulheres não brancas é crucial. Sua defesa de uma teoria feminista interseccional, que considere as múltiplas opressões de raça, classe e gênero, impacta diretamente a forma como entendemos a memória e a resistência na literatura feminina africana.

Ao analisarmos as obras de Adichie, Chiziane e Gordimer sob uma lente interseccional, vemos como essas autoras dão voz a mulheres africanas marginalizadas não apenas por seu gênero, mas também por questões raciais e sociais. Suas escritas se viram um ato de resistência em múltiplos níveis como a recuperação de narrativas onde

suas histórias regatam narrativas historicamente suprimidas ou distorcidas. Esse regaste em si é um ato de resistência contra o apagamento de suas experiências. O próprio ato de escrever e publicar essas histórias é uma forma de resistência.

Desafia as estruturas de poder ao retratar as opressões interseccionais enfrentadas pelas mulheres africanas, essas autoras desafiam as estruturas de poder que perpetuam essas desigualdades. Dar voz a essas experiências é um desafio direto aos sistemas de opressão.

As lutas constantes pela preservação da memória levam as escritoras africanas a atuarem como uma fonte imprescindível na conservação da memória, garantindo que as experiências das mulheres marginalizadas não sejam esquecidas. Essa preservação da memória é essencial para que as gerações futuras compreendam a luta contínua por igualdade e justiça.

No livro “Feminist Theory: From Margin to Center”, Bell Hooks argumenta que a teoria feminista deve incluir as experiências e vozes das mulheres marginalizadas, especialmente as mulheres negras. Hooks critica o feminismo intersecciona que considera raça, classe e gênero como fatores interligados de opressão.

Para Hooks, a “margem” representa o espaço onde as pessoas marginalizadas vivem, e é desse espaço que elas podem desenvolver uma consciência crítica e formas de resistência. A “margem” não é apenas um lugar de exclusão, mas também de potencial transformação.

A estrutura interseccional de Hooks destaca a natureza multifacetada da opressão experimentada pelas mulheres africanas, e a literatura discutida serve como uma ferramenta poderosa para recuperar suas histórias e desafiar os sistemas que as marginalizaram. Suas escritas são um trabalho de memória que resistem ativamente ao apagamento e promove a justiça social.

Este enfoque é importante para entender as perspectivas femininas na literatura africana, pois muitas escritoras africanas partem dessa “margem” para narrar suas histórias de resistência e identidade. As suas obras frequentemente refletem as lutas contra múltiplas formas de opressão e destacam a importância de incluir diversas vozes no discurso feminista.

Ao reconhecer e valorizar essas narrativas, podemos obter uma visão mais completa e rica da experiência feminina e das múltiplas maneiras pelas quais as mulheres resistem e reconstróem suas identidades em diferentes contextos culturais e sociais. Isso não só amplia a teoria feminista, mas também enriquece a compreensão da literatura produzida por mulheres africanas.

## Espaços de Recordação como Resistência

As escritoras africanas criam espaços de recordação através de suas narrativas, onde histórias femininas, muitas vezes relegadas ao esquecimento, são trazidas à luz. Esses espaços são simultaneamente pessoais e coletivos, oferecendo uma reescrita da história oficial, conforme discutido por Ricoeur. As memórias individuais e coletivas, como explorado nas obras literárias de Adichie, Chiziane e Gordimer, funcionam como uma forma de resistência contra o esquecimento e a marginalização. Ao criarem personagens femininas que reivindicam sua voz, essas autoras contribuem para a preservação e a renovação das memórias culturais e históricas.

O espaço da recordação na literatura feminina africana é um elemento central que permite que as escritoras explorem e preservem suas histórias e identidades. Esse espaço vai além de simples reminiscências pessoais; ele se torna um ato de resistência contra o apagamento e a marginalização. Ao criar esses espaços, as escritoras africanas desafiam diretamente as narrativas dominantes, muitas vezes coloniais ou patriarcais, que historicamente silenciaram as vozes femininas.

A memória coletiva serve para manter viva a memória de comunidades e famílias, garantindo que as tradições, histórias e experiências não sejam esquecidas. A identidade e a cultura permitem que as mulheres reafirmem suas identidades e culturas, muitas vezes em contextos pós-coloniais onde essas são ameaçadas pela homogeneização cultural.

Recordar é um ato de subversão contra as narrativas hegemônicas que tentam silenciar ou distorcer as experiências das mulheres africanas.

A literatura africana escrita por mulheres oferece uma plataforma rica para a exploração da memória, identidade e gênero. Por meio de uma análise interseccional que combina as perspectivas de teóricos como Ricoeur, Hall, Bhabha e Hooks, podemos compreender melhor como essas autoras recriam e reivindicam suas histórias. As narrativas de Adichie, Chiziane e Gordimer não apenas resgatam as memórias femininas, mas também desafiam as estruturas de poder coloniais e patriarcais, criando espaços de recordação e representação.

A literatura africana feminina pode ser vista como uma tapeçaria intrincada, onde cada fio representa um fragmento de memória, identidade e resistência. Esse conceito de tapeçaria é útil porque captura a complexidade e a interconexão das histórias e experiências narradas por mulheres africanas. Retratadas por histórias pessoais e coletivas, as autoras entrelaçam memórias pessoais com a história coletiva de suas comunidades, criando uma narrativa rica e multifacetada. A oralidade, é sem dúvidas um componente vital na preservação da memória africana, é muitas vezes incorporada nas obras, conectando gerações e mantendo vivas as tradições culturais.

Influenciadas por Stuart Hall, essas autoras mostram como a identidade é um processo contínuo e híbrido, sempre em evolução e influenciado por múltiplos contextos. Conforme descrito por Homi Bhabha, o hibridismo cultural é central na formação dessas

identidades, refletindo a interseção de culturas e histórias diversas. Bell Hooks destaca a importância de trazer vozes marginalizadas ao centro do discurso, um princípio que muitas escritoras africanas adotam em suas obras.

Essas obras frequentemente subvertem narrativas hegemônicas, oferecendo novas perspectivas e desafiando as estruturas opressivas.

Paul Ricoeur sugere que a memória é interpretativa, e isso é evidente na maneira com as autoras recriam e recontam suas histórias, transformando experiências vividas em narrativas poderosas.

A tapeçaria de memórias na literatura africana feminina não só preserva e celebra a diversidade das experiências das mulheres, mas também serve como um ato de resistência contra o esquecimento e a marginalização. Essa literatura enriquece a compreensão global da condição humana, oferecendo uma visão única e essencial das vidas e lutas das mulheres africanas.

Analisar as narrativas femininas na literatura africana contemporânea com foco na construção de espaços de recordação, identificando como a memória é usada como ferramenta de resistência, ressignificação e emancipação das personagens e das autoras. Identificando os principais temas relacionados à memória e à recordação nas obras de escritoras africanas. Investigando como a recordação nas narrativas femininas reflete ou desafia as tradições patriarcais e coloniais. Compreender a relação entre memória individual e memória coletiva na construção das personagens femininas. Analisar a linguagem e as técnicas narrativas utilizadas para expressar a subjetividade e a experiência da mulher africana. Estudar como as autoras conectam suas narrativas à história política e cultural do continente africano, dando destaque às questões de gênero. O espaço da recordação criado na literatura feminina africana é central à sua resistência. É através dela que as histórias desafiam narrativas dominantes, recuperam sua agência e preservam sua herança cultural.

A pesquisa deste trabalho é de natureza qualitativa, utilizando a análise de conteúdo das obras literárias escolhidas. O estudo será dividido em três etapas principais, com a seleção e leitura das obras, onde será realizada uma seleção criteriosa de romances, contos e poesias de autoras africanas que abordem a memória, o passado colonial e as questões de gênero. Possíveis autoras a serem incluídas são Chimamanda Ngozi Adichie, Paulina Chiziane, Nadine Gordimer e Nawal El Saadawi. A análise temática as obras selecionadas serão analisadas com base em seus temas principais, com ênfase nas questões de memória e recordação, buscando identificar como as autoras reconstróem experiências femininas através de suas personagens e narrativas. Análise comparativa a última etapa consistirá em comparar as diferentes abordagens das autoras africanas quanto ao uso da memória em suas narrativas, destacando semelhanças e diferenças em relação a contextos culturais, geográficos e históricos.

## Conclusão

Descolonizar a memória não é tarefa fácil, mas essencial para a reconstrução de identidades femininas africanas. A resistência presente nas escritas africanas demonstra a força e a complexidade dessas mulheres, que, apesar da opressão colonial, conseguiram preservar e recriar suas narrativas.

Concluindo, a análise das escritas africanas revela a importância de reconhecer a pluralidade de vozes e experiências, desconstruindo os estereótipos e ressignificando a história, a fim de construir um futuro onde a identidade feminina africana seja celebrada em toda sua riqueza e diversidade. A luta pela descolonização da memória é contínua, exigindo um compromisso constante com a escuta, o respeito e a valorização das narrativas femininas africanas, garantindo que suas histórias sejam ouvidas, compreendidas e, finalmente, reescritas em seus próprios termos. A resistência é a chave, a reconstrução a meta.

## Referências Bibliográficas:

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Americanah*. HaperCollins, 2013.
- BHABHA, Homi. *The Location of Culture*. 1994.
- CHIZIANE, Paulina. *Niketche: Uma História de Poligamia*. Companhia das Letras, 2004.
- GORDIMER, Nadine. *Burger's Daughter*. Penguin Books, 1979.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. DP&A, 2006.
- HOOKS, Bell. *Teoria Feminista: Da margem ao centro*. WMF Martins Fontes, 2019.
- RICOEUR, Paul. *Memory, History, Forgetting*. University of Chicago Press, 2004.